

Alexandre Barbalho

Professor dos programas
de pós-graduação em
Políticas Públicas da
Universidade Estadual
do Ceará e em Comuni-
cação da Universidade
Federal do Ceará,
Fortaleza, CE, Brasil.
Currículo Lattes:
[http://lattes.cnpq.
br/7017826279838774](http://lattes.cnpq.br/7017826279838774).
E-mail: [alexandrealmei-
dabarbalho@gmail.com](mailto:alexandrealmei-
dabarbalho@gmail.com)

Tarciana Campos

Mestre em Comunicação
Social pela Universidade
Federal do Ceará, Forta-
leza, CE, Brasil.
E-mail: [tarcianacam-
pos@hotmail.com](mailto:tarcianacam-
pos@hotmail.com)
Currículo Lattes:
[http://lattes.cnpq.
br/0905266358569552](http://lattes.cnpq.br/0905266358569552).

**Fique antenado e segure essa
onda: práticas cidadãs em
radioescolas de Fortaleza**

**Stay tuned and hold this
wave: practices radioescolas
citizens in Fortaleza**

**Estén atentos y sostener esta
onda: radioescolas prácticas
ciudadanos en Fortaleza**

RESUMO

Este artigo analisa as experiências e práticas juvenis nos processos de produção, circulação de conteúdos e gestão de radioescolas envolvidas no projeto “Rádio-escola pela Educação” em quatro escolas da rede pública de Fortaleza. A questão que norteou a análise foi em que medida essas produções radiofônicas constituem exercícios para a cidadania. Pensando nesses jovens como minorias em busca de agenciar e produzir interferências comunicacionais, mobilizando afetos e fazeres, a pesquisa investigou as possibilidades e limitações das radioescolas de se constituírem em espaços conquistados pelos estudantes para falarem de si e serem ouvidos. Para o levantamento dos dados empíricos, recorremos a entrevistas com jovens, professores e gestores das escolas, rodas de conversa com os estudantes e a elaboração de diário de campo.

Palavras-chave: Juventude. Cidadania. Radioescola.

ABSTRACT

This article analyzes the experiences and practices in juvenile production, distribution and management of radio-school involved in the project “Radio-school for education” in four public schools in Fortaleza. The question that guided the analysis was the extent to which these radio productions are exercises for citizenship. Thinking about these young people as minorities in search of brokering and producing communication interference, mobilizing emotions and actions, research has investigated the possibilities and limitations of radio-schools be incurred in spaces conquered by students to speak and to be heard. In order to collect empirical data, we resort to interviews with young people, teachers and school managers, discussion meetings with students and the development of a field journal.

Keywords: Youth. Citizenship. Radio-school.

RESUMEN

Este artículo analiza las experiencias y prácticas juveniles en los procesos de producción, distribución y gestión de contenidos de radioescolas involucrados en el proyecto “La radio-escuela de la educación” en cuatro escuelas públicas de Fortaleza. La pregunta que guió el análisis fue en qué medida las producciones de radio son ejercicios para la ciudadanía. Pensando en estos jóvenes como minorías que buscan agenciar y producir interferencias en la comunicación, movilizando emociones y acciones, la investigación ha investigado las posibilidades y limitaciones de las radioescolas se convirtieren en espacios conquistados por los estudiantes para hablar de sí mismos y ser escuchados. Con el fin de recoger datos empíricos, se recurre a entrevistas con los jóvenes, maestros y directivos escolares, ruedas de conversación y escucha a los estudiantes y el desarrollo de un diario de campo.

Palabras clave: Juventud. Ciudadanía. Radioescola.

Submetido em: 17.6.2012

Aceito em: 2.8.2012

O objetivo desse artigo é analisar as experiências e práticas juvenis nos processos de produção, circulação de conteúdos e gestão de radioescolas envolvidas no projeto “Rádio-escola pela Educação” em quatro escolas da rede pública de Fortaleza¹. A questão que norteou a análise foi avaliar até que ponto essas produções radiofônicas constituem exercícios para a cidadania.

Entendemos que para as minorias, nas quais podemos incluir os jovens, a cidadania tem, como um de seus principais suportes, o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim elas podem dar visibilidade e viabilizar uma imagem sua e não a feita pela maioria (BARBALHO, 2005). Como observa Angela Prysthon, há que se verificar “como os jovens, além de consumirem produtos midiáticos, tornam-se agentes e produtores de interferências comunicacionais capazes de influir sobre hábitos e formas de percepção da cidade” (PRYSTHON, 2005, p. 99).

Néstor García Canclini, por sua vez, chama a atenção sobre a necessidade de “valorizar algumas ações aparentemente despolitizadas ou de baixa eficácia política imediata, frequentes nas culturas juvenis” (CANCLINI, 2007, p. 221), para que seja possível

¹ Para uma análise mais ampla do projeto “Rádio-escola pela Educação” ver CAMPOS (2011).

verificar práticas cidadãs entre os jovens. Tal valorização é possível quando se identifica com as ações e a sua dimensão afetiva, que envolve solidariedade e coesão grupal. Portanto, torna-se visível um sentimento político, relacionado à cidadania, na medida em que se reivindica legitimar ou expressar identidades e determinados modos de vida.

Rossana Reguillo (2000) defende que, ao serem indagados sobre formas de participação ou de pertencimento cidadão, as concepções dos jovens são formuladas no âmbito do fazer. Assim, estudar, tocar em uma banda, cantar e dançar em um grupo de hip-hop, fazer parte de jornais ou rádios escolares são reconhecidos como formas de ser cidadão. Para a autora, então, as práticas são lugares privilegiados para a análise da participação juvenil.

Outra autora, que propõe problematizações ao conceito de cidadania, é Mouffe (2001; 2009), que destaca a necessidade de reflexões que permitam atualizar o conceito. Para a autora, no atual contexto da comunidade política, os cidadãos seriam aqueles que, mesmo desenvolvendo empreendimentos e buscando objetivos diferentes, estão unidos pela identificação com um interesse público. Continua ela dizendo, ser importante destacar que esse processo de identificação ocorre por meio da submissão dos sujeitos à autoridade de determinadas condições e a determinadas regras. "O que os une, é o reconhecimento da autoridade das condições que especificam o seu interesse comum ou 'público'" (MOUFFE, 2001, p. 92).

Diante dessas concepções teóricas, neste artigo, o conceito de cidadania é enfatizado como processo político, com ampla relação ao direito à comunicação e à noção de visibilidade de grupos,

que evidenciam diferentes modos de vida. Além disso, consideramos o conceito, na perspectiva de Mouffe (2001), como uma permanente tensão dos sujeitos entre a satisfação de seus interesses individuais e do interesse público.

Pensando nos grupos de jovens como minorias em busca de agenciar e produzir interferências comunicacionais, mobilizando afetos e fazeres, a pesquisa investigou as possibilidades e limitações das radioescolas de se constituírem em espaços conquistados pelos estudantes para falarem de si e serem ouvidos. Para o levantamento dos dados empíricos, recorremos a entrevistas, rodas de conversa com os estudantes e a elaboração de um diário de campo². As escolas não estão nomeadas e os estudantes sujeitos da pesquisa, tiveram seus nomes trocados como forma de preservar suas identidades. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará.

Fique antenado e segure essa onda

Denise Cogo descreve um novo cenário que marca mudanças, tanto nas articulações em torno do rádio comunitário, como no fortalecimento da organização de movimentos sociais. Conforme a autora, "hoje novas emissoras [comunitárias] se desenvolvem sob a gestão de grupos de jovens, mulheres, cooperativas, organizações não governamentais (ONGs) e até de governos locais (COGO, 1998, p. 92). Para Catarina Oliveira, essas práticas "serviram de modelo para repensarmos a concretização de propostas comunicativas voltadas para a educação e para a mobilização popular" (OLIVEIRA et al, 2005, p. 7).

² Para maiores detalhes do percurso metodológico utilizado na pesquisa ver BARBALHO e CAMPOS (2012).

Nesse sentido, percebemos a articulação de professores, estudantes, ONGs e governos em torno, não só de rádios comunitárias, mas também de radioescolas. Em nosso caso, tal articulação será observada por meio da experiência específica da ONG Catavento, sediada em Fortaleza, que desenvolve, desde 2003, o projeto “Segura Essa Onda: Rádio-escola na Gestão Sociocultural da Aprendizagem”, tanto em cidades do interior do Ceará, como em Fortaleza³. Os recursos desse projeto são provenientes das parcerias entre a ONG Catavento, prefeituras de municípios em que o projeto esteve presente e instituições como a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Além disso, em 2007, na tentativa de obter apoio para continuar o desenvolvimento do projeto, a articulação institucional da ONG Catavento investiu em um trabalho de captação direta de recursos financeiros de pessoas jurídicas. O “Segura Essa Onda...” é, então, apresentado ao Instituto Oi Futuro⁴. Em consequência desse trabalho, a ONG recebeu uma doação do Instituto com o objetivo de apoiar ações do projeto, o que abriu possibilidades para o desenvolvimento de uma nova fase de atividades⁵.

³ Disponível em: <www.seguraessaonda.org.br>. Acesso em: 8 ago. 2010.

⁴ O Oi Futuro é o instituto de responsabilidade social da empresa de telecomunicações Oi, com a missão de desenvolver, apoiar e reconhecer ações educacionais e culturais inovadoras que promovam o desenvolvimento humano, utilizando tecnologia de comunicação e informação. Disponível em: <<http://www.oifuturo.org.br>>. Acesso em: 25 nov. 2010.

⁵ Ressalte-se que outra experiência que vem estimulando a instalação de radioescolas atualmente tem sido desenvolvida pelo Governo Federal em âmbito nacional. São as rádios escolares promovidas pelo programa “Mais Educação”. Esse programa teve início em 2008 e distingue-se do projeto “Segura essa Onda”, que foi realizado apenas em Fortaleza e em algumas cidades do interior do Ceará.

A operacionalização do “Segura Essa Onda” consiste na mediação de oficinas por uma equipe constituída por profissionais e estagiários das áreas de comunicação e pedagogia. Nas oficinas, que duram, em média, nove meses, são discutidos conteúdos mais gerais, tais como comunicação como expressão humana, além de temas mais específicos, referentes às técnicas radiofônicas. As últimas oficinas se destinam a discussões sobre a gestão da radioescola no cotidiano escolar e da comunidade.

Em 2007, a Catavento estabeleceu ainda uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Fortaleza, para potencializar as ações envolvendo comunicação e educação. Daí resultou o projeto que complementa o “Segura Essa Onda” nas escolas, o “Rádio-escola pela Educação”, que iniciou as atividades em 2008. O objetivo era produzir programas de rádio sobre os temas transversais da educação com grupos de estudantes e educadores em quatro escolas da rede pública de Fortaleza.

A primeira atividade do “Rádio-escola pela Educação” foi a apresentação do projeto a grupos de estudantes e professores mais ligados às radioescolas. Nos grupos, a maioria dos estudantes cursava o ensino fundamental, e tinha entre 13 e 16 anos⁶ de idade. Em uma dessas reuniões, os estudantes discutiram o nome do programa de rádio que seria produzido. Entre os nomes sugeridos, o mais votado pelo grupo foi *Antenados*. O espaço de veiculação do programa foi articulado pela Catavento com a *Rádio Universitária*

⁶ Durante a pesquisa nas escolas analisadas, verificou-se uma orientação das direções para evitar que estudantes do ensino médio, que se preparavam para o vestibular, não fizessem parte das radioescolas, como forma de promover uma dedicação mais exclusiva ao exame.

FM, vinculada a Universidade Federal do Ceará, e passou a ser transmitido às 13h30 dos sábados.

Como, diante dos objetivos determinados pela ONG e pela Prefeitura, os estudantes vivenciaram experiências e práticas relacionadas aos processos de produção e circulação de conteúdos, bem como à gestão da radioescola? Como forma de estabelecer um recorte que tornasse viável essa investigação, optamos por centrar a pesquisa de campo nas quatro escolas públicas que participaram, tanto do projeto "Segura Essa Onda", como do "Rádio-escola pela Educação". A partir de tal recorte, é possível promover uma análise sobre como se dá a participação dos estudantes nas radioescolas após a instalação dos equipamentos e mediação de oficinas por parte da ONG Catavento, o que possibilitou perceber como se dão as relações entre os jovens e a radioescola nos limites da instituição escolar. Além disso, podemos somar observações referentes à produção dos estudantes em um programa que parte da escola, mas é veiculado para além da instituição, na *Rádio Universitária FM*, de Fortaleza.

A análise desses processos empíricos nos permite relacioná-los às abordagens teóricas referentes à cidadania citadas anteriormente, uma vez que a articulação entre estudantes, professores, ONG Catavento e Secretaria Municipal de Educação, nas radioescolas e na produção do programa *Antenados*, evidencia em que medida, interesses específicos de cada sujeito e de cada instituição, harmonizam-se com as intenções em comum de discutir determinadas questões no espaço das rádios, fazendo com que uma diversidade de sujeitos convirja para as produções. Além disso, ao observar os processos nas radioescolas, e

escutar os jovens produtores, é possível perceber as relações entre direito à comunicação e cidadania, além de problematizar este último conceito como processo político que envolve negociações e conflitos.

O que os jovens dizem sobre cidadania?

Em uma das escolas pesquisadas, ouvimos o relato de Ana Luísa. Quando soube que uma radioescola seria instalada, a estudante resolveu saber do que se tratava. Envolveu-se profundamente com o projeto, pois percebeu ali uma possibilidade de fazer a diferença no cotidiano escolar:

– Entrei para tentar fazer algo no colégio, para mexer na rádio, achava muito legal. Para mudar esse negócio de ir para aula e voltar, sem ter nada de diferente, uma música no intervalo, sem ter um tema que você ache interessante. A gente tinha uma coisa diferente porque quando a gente ia fazer um tema, a gente passava e pedia opinião, aí depois ia para votação. (Depoimento de roda de conversa, 2010).

Identificamos, no depoimento, uma noção de cidadania relacionada ao direito à comunicação (cf. BARBALHO, 2005), tanto em relação ao acesso ao meio de comunicação, objetivado na radioescola, como relacionado a processos democráticos, que envolvem a votação para a escolha do conteúdo a ser discutido na rádio.

O circular pelos espaços sociais do bairro, realizando entrevistas ou enquetes com pessoas da comunidade, é outro fator relacionado à cidadania, e apontado como marcante ao longo das produções do *Antenados*. Podemos evidenciar, no depoimento a seguir, o entendimento de cidadania como processo político, de mobilização social e como expressão de

modos de vida (CANCLINI, 2007). Assim, Rodrigo descreve a produção de um dos programas, cujo tema era o bairro em que vive:

– Achei marcante o programa sobre a pesquisa do nosso bairro e falar com pessoas que já vêm da antiga e vêm lutando por melhorias no nosso bairro, sobre os projetos que existem aqui. Achei legal porque conheci boa parte do bairro e sobre a luta que vem da antiga. Sobre a conquista do ônibus, da água que não tinha (Depoimento de roda de conversa, 2010).

A radioescola e o programa *Antenados*, são também percebidos como espaços para problematizar o modo como são vistos os estudantes de escola pública. A partir dos relatos, percebemos práticas que apontam o exercício da cidadania, na medida em que, como analisa Canclini (2007), buscam legitimar identidades e modos de vida. Miguel e Pedro nos dizem:

– Eu acho que como nós estudamos num colégio público, nós, lá fora, somos vistos com outros olhos, não somos assim [...] bem vistos na sociedade, porque acham que a gente não é capaz de um dia fazer uma faculdade, se formar, ter um belo emprego. [...]
– Que nós somos incapazes de chegar a algum lugar.
– Isso! [...] Então, para mim ... poder gravar para uma emissora é uma oportunidade também,[...] Como o Pedro falou, divulgar o que a gente sabe, o que a gente aprendeu, tantas pesquisas, tantas entrevistas e com isso a gente aprende também (Depoimentos de roda de conversa, 2010).

As possibilidades das produções, de exporem outras visibilidades, dos jovens e dos estudantes, permitem pensarmos o espaço da radioescola como cam-

po no qual se estabelecem conflitos e negociações. Discutindo sobre o atual momento da democracia brasileira, Célia Paoli e Vera Telles (2000) abordam a necessidade de construção de um campo democrático de conflitos, formado por arenas públicas nas quais atuam movimentos que levam para o debate reivindicações, não só materiais, mas também simbólicas.

Nesse cenário, Paoli e Telles (2000) citam a defesa dos direitos de crianças e adolescentes e apontam que várias das ações voltadas para o atendimento deste público, limitam-se à tutela e/ou à repressão. Da mesma forma, alguns projetos, voltados para os jovens, seguem lógica semelhante. Assim, o fortalecimento de processos democráticos, que ampliem os espaços de visibilidade dos conflitos e negociações, como as radioescolas, é fundamental para a participação dos jovens e para criar alternativas à polaridade tutela-repressão.

Como forma de compreendermos alguns desses conflitos e estratégias de negociação, destacamos três processos de mediações nas radioescolas: com intervenção de professoras; com atuação de estudantes; e os mediados pela ONG Catavento. Essas mediações estão em permanente relação, de modo que é por um caráter didático que analisamos, de forma distinta, cada uma das ênfases observadas.

Processos marcados pela mediação de professoras

Chegando à escola, com o objetivo de observar o funcionamento cotidiano da radioescola, percebemos que duas professoras eram as principais responsáveis pelas atividades. Além de programas desenvolvidos de acordo com propostas pedagógi-

cas determinadas, a radioescola contava com dois programas fixos, chamados *Fique por dentro* e *Te dou um blá*. Nessa visita à radioescola, obtivemos seis roteiros do programa *Fique por dentro*, apresentados em 2009 e 2010. A análise dos roteiros, bem como as conversas com as professoras que coordenam as atividades da radioescola, nos permitiram observar alguns aspectos.

Primeiro, o acompanhamento das professoras potencializa o funcionamento da radioescola, impedindo que ocorra descontinuidade da programação. Constatamos que, entre as radioescolas visitadas, essa era uma das mais dinâmicas. Segundo, por meio da participação na radioescola, mesmo mediada pelos professores, os estudantes adquirem maior visibilidade e reconhecimento junto à comunidade escolar, entendida esta como o conjunto de docentes, alunos, funcionários, pais e moradores vizinhos da escola.

A necessidade e a exigência de reconhecimento são características da política atual – tanto em uma perspectiva liberal (cf. TOURAINE, 2006), quanto na lógica comunitarista (cf. TAYLOR, 1998). Em relação aos jovens das periferias das cidades, Deisimer Gorczewski destaca que os desejos de reconhecimento relacionam-se à tentativa de “intervir, inventar e publicizar outros mundos, outras visibilidades distintas das instituídas a eles e ao bairro, expressando posturas críticas às lógicas e políticas sociais e midiáticas predominantes na sociedade contemporânea” (GORCZEWSKI, 2007, p. 150). Com esse intuito, estratégias e práticas são adotadas pelos jovens, mesmo que marcadas pela efemeridade. Além disso, segundo a autora, para os jovens, a ideia de visibilidade é entendida como realidade compartilhada com o outro.

Observando os jovens na radioescola e os que simplesmente escutam a programação, verificamos essa visibilidade como compartilhamento. Como revelam Pedro e Max:

- Você ver o seu trabalho sendo divulgado é muito massa. Porque você tem o trabalho de fazer entrevista, escrever roteiro e às vezes quebrar a cabeça demais [...] E a gente vê que deu tanto trabalho e sai na rádio [...] E nossos pais ficarem ouvindo [...] É uma sensação boa, ótima.
- Os programas que iam para a Rádio Universitária davam mais empolgação. Todo mundo vai me escutar, a capital toda, todo mundo vai me ouvir da minha família. Por isso eu me esforcei mais (Depoimentos de roda de conversa, 2010).

No entanto, alguns aspectos precisam ser questionados. Com relação à radioescola, a atuação das professoras vai além da articulação da participação de estudantes, envolvendo também a escrita de partes dos roteiros e a escolha de músicas, bem como a definição dos temas dos programas. Observamos que as demandas de cunho pedagógico da própria escola são expressivas forças orientadoras dos temas discutidos na rádio.

Diante de conteúdos que expressam marcas pedagógicas tão fortes, analisamos que os processos de produção da rádio, mesmo que desenvolvidos coletivamente, entre duas professoras e estudantes, podem restringir formas de participação. Daí que os conteúdos, as expressões, os discursos e as músicas são frutos, muito mais de processos de pesquisa entre os produtores, que de processos de discussão mais ampla também entre os que não fazem parte da radioescola.

Se os processos descritos evidenciam a orientação e a influência de professores no cotidiano da radioescola observada, que fatores caracterizariam uma outra radioescola, cujo funcionamento é efetivado, predominantemente, por estudantes? É o que analisaremos a seguir.

Processos marcados pela mediação de estudantes e o afastamento do corpo docente

Em visita a outra escola, acompanhamos, no momento do recreio, dois garotos saírem apressadamente das salas de aula em direção à radioescola. Ao entrarmos na sala, observamos os dois colocando no ar a programação descrita em um quadro branco.

Identificamos, nas ações da direção, estímulos que permitem que os estudantes desempenhem a gestão da estrutura. Dessa forma, a chave é acessível ao grupo produtor, o que confere intenso movimento à sala. Além disso, a programação foi formulada pelos estudantes e registrada na lousa. Porém, também, identificamos falas que apontam a vigilância, o controle e a autoridade permanentes. Nesse sentido, a direção nos relatou que “por questões de mau comportamento de estudantes, a rádio passou dez dias lacrada” (Entrevista com o corpo gestor da escola, 2010).

É nesse contexto complexo, que mescla amizade, parceria, vigilância e censura, que um grupo de cinco estudantes, quatro meninos e uma menina, passou a se envolver profundamente com a radioescola. Com desenvoltura, esse grupo opera os equipamentos, manuseia o computador e direciona os sons. Esses estudantes aproveitam a hora do recreio e outros horários em que estão fora das salas de aula para ir à rádio e desenvolver produções.

Diante desse engajamento, acompanhamos certa apreensão dos estudantes, uma vez que vivenciavam o último ano nessa escola e não sabiam como a rádio permaneceria funcionando. Avaliamos esse fator como um indicativo de que o corpo gestor enfrenta dificuldades em efetivar as ideias para o acompanhamento mais próximo dos estudantes-produtores e para a continuidade da radioescola.

Podemos constatar, então, fatores distintos entre esse processo, com ênfase no afastamento do corpo docente, e o processo anteriormente analisado, que destaca o acompanhamento de professoras. Se com o acompanhamento das professoras, os principais usos que os estudantes faziam da radioescola, voltavam-se para a produção radiofônica de cunho prioritariamente informativo, com o afastamento do corpo docente, os usos da radioescola diversificaram-se. O computador, por exemplo, tanto era ferramenta para inserir músicas na programação, como utilizado para o acesso a *sites* na internet de escolha dos estudantes. A maior autonomia dentro da rádio resultava numa programação majoritariamente musical, sem a realização de reuniões de pauta, nem a produção de roteiros.

Diante dessa diferenciação, acompanhemos um terceiro processo, em que as produções radiofônicas são mediadas pela Catavento.

Processos marcados pela mediação da ONG Catavento

Sobre que tema vocês querem falar no próximo *Antenados*? Essa questão abria os debates entre os estudantes e a ONG Catavento acerca da possibilidade de assuntos a serem abordados nos programas radiofônicos.

No trabalho dos estudantes na produção dos programas, se em alguns casos o envolvimento se dava por uma questão de compromisso com o prazo estabelecido pela ONG, em outros a atuação era motivada pelo interesse pessoal em saber mais sobre o assunto. Observamos ainda, o envolvimento com determinadas temáticas a partir da tentativa de questionar construções sociais, entendidas como naturais. Foi o que ocorreu em relação aos bairros e à juventude como temáticas de programas. Dessa forma, acompanhamos o seguinte relato de Max:

– Eu me envolvi muito com o tema juventude, porque era um tema que fazia tempo eu queria que virasse programa. Essa questão jovem é uma coisa interessante, poder dizer que jovem não é só loucura e bagunça" (Depoimento de roda de conversa, 2010).

Em uma das rodas de conversa, durante uma escuta coletiva do programa *Antenados*, buscamos então avaliar a compreensão dos estudantes sobre a mediação da ONG Catavento, bem como identificar as negociações e conflitos que permearam esse processo a partir da questão "se vocês pudessem fazer um programa sobre esse mesmo assunto, para ficar do jeito de vocês, o que mudariam?".

O relato de Lorena evidenciou o desejo de tratar novamente o tema "juventude" sob o seguinte aspecto:

Quando a gente fez o programa dos jovens, se eu fosse fazer um agora, eu abordava também uma coisa que está "encucando" a minha cabeça e, na época, não estava [...] Agora a gente está com muita pressão, chega no ensino médio, está na hora de você decidir o que quer para sua vida [...] muitos estudantes do meu colégio gostariam de ouvir sobre essa questão de escolhas (Depoimento de roda de conversa, 2010).

Verificamos ainda nos relatos, indicações de que a mediação da ONG faz com que os estudantes escrevam os roteiros de maneira mais formal do que fariam sem a mediação. Max avalia que, se pudesse alterar o programa ouvido, “deixava mais dinâmico, mais extrovertido. A gente ficava um pouco preso porque tinha que agradar vários tipos de público. Era uma linguagem mais oficializada” (Depoimento de roda de conversa, 2010).

Ainda em outra roda, a questão sobre o que gostariam de mudar no programa ouvido, aborda a importância da escolha do tema envolver processos democráticos. Além disso, identificamos, nas trocas de ideias entre Ana Luísa, Gabriel e Ana Clara, referências à cultura de massa e ao humor:

- Primeiro o que achei interessante é que a gente escolhia o tema, então, isso já é uma forma de você ter direito de votar, de escolha. Se fosse para mudar, eu ia colocar temas com mais dinâmica ainda [...] Fazer algo diferente, esse diferencial é ter humor, ter um pouco de break, de hip hop, daquilo que as pessoas gostam de ouvir, porque eu não vou ouvir sozinha.
- A gente poderia colocar coisa mais atual [...]
- Uma coisa que podia fazer era falar sobre estrelas e astros. O que tem na internet de interessante? Algo que chame atenção mesmo das pessoas. Porque não é todo mundo que escuta rádio (Depoimentos de rodas de conversa, 2010).

As questões dos estudantes sobre a música e o humor nos mostram quanto a comunicação em relação à educação, mediada por professores, instituições governamentais e não governamentais, ainda se preocupa com uma espécie de justa medida entre conteúdos educativos e a cultura de massa.

Cicilia Peruzzo (1998) observa que a comunicação popular – e incluiríamos também a comunicação com ênfase na educação, como a radioescola ou o jornal escolar⁷ – tendeu a repudiar a mídia massiva, o que talvez tenha até influenciado a elaboração de uma comunicação não tão atraente, que atribui um espaço e um valor reduzido ao entretenimento, ao lazer, às amenidades, ao humor e ao lúdico.

Como forma de propor alternativas a tal contexto, Kaplún (1978) apresenta a ideia de “educação permanente”, ou seja, a educação é um processo permanente, que não ocorre apenas na escola, mas em uma série de situações e estímulos vividos pelas pessoas, portanto não há sentido a separação entre o que é educativo e o que é entretenimento nos meios de comunicação.

Considerações finais

O acompanhamento de práticas e experiências juvenis em processos de produção e circulação de conteúdos, bem como de gestão de radioescolas em quatro instituições de ensino público municipal, confirmou a importância da ênfase na escuta das percepções dos jovens sobre os processos vivenciados, ainda mais quando projetos e ações de instituições são voltados para eles. A contribuição deste artigo foi a de escutar os sujeitos da pesquisa a respeito de seu entendimento sobre si, a partir de suas inserções nesses processos.

⁷ Essa tensão entre o desejo dos estudantes de pautar temas ligados à cultura massiva e o direcionamento contrário de professores eicineiros, está presente, por exemplo, nas experiências de jornal escolar desenvolvida pela ONG Comunicação e Cultura nas escolas públicas do Ceará. A esse respeito ver BARBALHO e SOUSA (2010).

As percepções expostas nos fazem concordar com Reguillo (2000), que destaca quanto o conceito cidadania para os jovens está relacionado à dimensão do fazer. A maioria das práticas relacionadas à cidadania apresentou forte vinculação com escola, com projetos desenvolvidos por grupos nos bairros ou por instituições governamentais e não governamentais. Esse fator nos mostrou como os jovens consideram importante contar com apoio e estímulo para o exercício da cidadania.

Na pesquisa descobrimos a apreensão diante da saída da escola, entre outros fatores, por conta da rádio e, o ânimo, ao perceber na radioescola possibilidades de mudanças. Essas descobertas apontaram a radioescola como exploração de algo desconhecido, novo, como experiência do fazer. Mesmo que análises posteriores identifiquem que esses processos configuraram-se como transitórios, os grupos exercitaram a difícil questão colocada por Mouffe (2001; 2009) sobre o equilíbrio entre projetos individuais e interesses em comum, por isso comprometeram-se e compartilharam.

Acreditamos que a observação das práticas radiofônicas descritas, a escuta e a análise das percepções dos jovens estudantes sobre os processos vividos, nos permitem olhar em direção a possibilidades amplamente favoráveis à participação e à expressão na interface entre comunicação, educação e cidadania.

Referências

- BARBALHO, A. Cidadania, minorias e mídia ou Algumas questões postas ao liberalismo. In: BARBALHO, A.; PAIVA, R. (Org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 27-39.
- BARBALHO, A.; CAMPOS, T. Q. M. Juventude, Radioescola e Cidadania: apontamentos teórico-metodológicos. **Comunicação & Educação**, ano XVII, n. 2, jul.-dez. 2012.

BARBALHO, A.; SOUSA, A. Tensões e mediações no jornalismo estudantil: a experiência do projeto Clube do Jornal. In: BARBALHO, A.; FUSER, B.; COGO, D. (Orgs.). **Comunicação para a cidadania**: temas e aportes teórico-metodológicos. São Paulo: Intercom, 2010. p. 131-148.

CAMPOS, T. Q. M. Entre letras e músicas: Experiências juvenis em radio-escolas de Fortaleza. 2011. 195 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2011.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

COGO, D. M. **No ar**: uma rádio comunitária. São Paulo: Paulinas, 1998.

GORCZEWSKI, D. Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: in(ter)venções audiovisuais na Restinga, em Porto Alegre. 2007. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. 2007.

KAPLÚN, M. Producción de programas de radio: el guión – la realización. Madrid: Ediciones de la Torre, 1978.

MOUFFE, C. O. Identidade democrática e política pluralista. In: MENDES, C. (Coord.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 410-430.

MOUFFE, C. O. The democratic paradox. Londres, Nova Iorque: Verso, 2009.

OLIVEIRA, C. T. F. et al. Comunicação, educação e cultura na escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – Intercom, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. p. 1-15.

PAOLI, M. C.; TELLES, V. S. Direitos sociais: conflitos e negociações no Brasil contemporâneo. In: ALVAREZ, S. E.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (Orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**: novas leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p. 103-148.

PERUZZO, C. M. K. **A comunicação nos movimentos populares**: participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

PRYSTHON, A. Negociações na periferia: mídia e jovens no Recife. In: BARBALHO, A.; PAIVA, R. (Orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 99-113.

REGUILLO, R. Emergencia de culturas juveniles: estrategias del desencanto. Bogotá: Norma, 2000.

TAYLOR, C. **Multiculturalismo**: examinando a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. p. 45-94.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2006.